

Thais Vieira

Pedro Biz

Editores Convidados

Semear futuros: design, cotidiano e regeneração com as plantas

A prática do design sempre se caracterizou por sua capacidade de transitar entre campos, adaptar-se a contextos diversos e propor novas formas de existência material e simbólica. Trata-se de uma profissão que historicamente se expande, desloca fronteiras e reinventa seus próprios modos de atuação. Se, por muito tempo, o designer foi compreendido como um solucionador de problemas, hoje reconhecemos que sua atuação envolve curiosidade investigativa, sensibilidade social, pensamento crítico e disposição para experimentar — qualidades que se manifestam tanto no rigor metodológico quanto no gesto concreto de “colocar a mão na massa”.

Nos últimos anos, entretanto, algo significativo começou a ocorrer: alguns de nós passamos também a colocar as mãos na terra. Esse movimento, ainda incipiente, revela uma aproximação crescente entre práticas projetuais e práticas agroecológicas, em que designers se engajam na produção de alimentos, na regeneração de solos e na construção de relações mais cuidadosas com os territórios. Trata-se de uma mudança que não apenas amplia o campo do design, mas o reposiciona diante das urgências socioambientais contemporâneas.

A proposta desta edição temática nasceu do desejo de compreender e fortalecer esse movimento emergente. Nosso objetivo inicial foi “explorar como o design pode contribuir para o desenvolvimento sustentável, potencializar inovações sociais e melhorar a qualidade de vida no campo e nas cidades”. Mas havia também um propósito mais subliminar: dar continuidade ao primeiro encontro entre pesquisadoras e pesquisadores interessados nessa convergência entre design e plantio, realizado no 14º P&D em 2022, no Rio de Janeiro. Embora breve, aquele encontro evidenciou a existência de uma constelação de iniciativas dispersas, porém potentes, que mereciam ser visibilizadas, articuladas e reconhecidas como parte de um campo em formação.

A chamada para este dossiê foi elaborada com o cuidado de acolher essa diversidade, ampliando o escopo para abarcar práticas cotidianas, saberes

tradicionais, experiências comunitárias, investigações teóricas e experimentações materiais. A resposta superou nossas expectativas: recebemos mais de vinte artigos trazendo contribuições originais, situadas e profundamente comprometidas com a regeneração socioecológica. Dentre esses, selecionamos treze trabalhos que se destacaram pelo rigor acadêmico, pela consistência metodológica e pela relevância para o tema. Os demais, embora ainda em processo de maturação, revelam um campo vibrante que certamente continuará a florescer em futuras publicações.

Alguns artigos mostram como as práticas colaborativas têm sido utilizadas para fortalecer formas mais sustentáveis de produção agrícola. Nessa direção, "Codesign como mediação na valorização do cotidiano em sistemas agroflorestais na agricultura familiar" investiga como processos de codesign podem contribuir para tornar visíveis os saberes e experiências de cooperativas e associações que atuam com sistemas agroflorestais no estado de São Paulo. Ao explorar as tensões entre o desejado e o possível, as autoras apontam caminhos para o reconhecimento dos agricultores e de seus territórios.

A construção da autonomia coletiva é o tema central de "Co-criando Autonomia: O Design Participativo na Construção da Marca Coletiva de Angapijó na Amazônia". A partir do desenvolvimento participativo da marca junto à comunidade de agricultores assentados da Ilha Angapijó, o trabalho evidencia que processos de design exigem escuta, negociação e compromisso ético para fortalecer a capacidade de decisão das próprias comunidades.

A regeneração é um tema que vêm se aproximando do campo design nessas discussões. O próximo artigo traz reflexões sob a atuação do designer em um território em resistência, cuja prática de regeneração se dá nas relações sociais, agroecológicas e políticas. Em "Quando regenerar exige colocar-se à prova: o design em territórios em resistência" analisa a atuação projetual junto a um assentamento do MST no Ceará e defende uma prática baseada na abertura, na escuta e na revisão constante de pressupostos.

No próximo artigo, o design participativo atua para a regenerar saberes, relações e futuros de uma planta junto com a comunidade que a cultiva. É a partir dessa perspectiva que "Regenerar com a juçara: Design e patrimônio vivo no Maracanã (MA)" investiga a relação entre a comunidade do Maracanã e a palmeira juçara, evidenciando como o design pode contribuir para fortalecer vínculos entre patrimônio biocultural, biodiversidade e território.

Ao longo dos artigos, as plantas são apresentadas como parceiras de pesquisa. Ora observadas, ora cultivadas, elas inspiram reflexões para um campo do design que se preocupa com a presente crise climática. Em "Design em ruínas: a poética ruderal da quebra-pedra", a observação da planta

Euphorbia thymifolia em uma antiga área industrial de Novo Hamburgo (RS), provoca reflexões sobre práticas projetuais que emergem da convivência com formas espontâneas de vida e regeneração.

Pensar com as plantas implica também repensar os modos de fazer design. Em "Devir-com plantas nas ruínas: modos de fazer design para sustentar a vida", o projeto é compreendido como um processo relacional, aberto e em constante transformação, fundado na interdependência entre diferentes formas de existência.

A regeneração também pode estar envolvida na criação de novos produtos a partir de resíduos. Em 'Da borra à superfície: Design regenerativo e a ressignificação do índigo', a borra resultante dos processos de tingimento natural é reinterpretada como matéria portadora de potencial ecológico, cultural e projetual.

E em "O corpo, a matéria e o território: design regenerativo e práxis manual a partir de biopolímeros fibrosos", a pesquisa utiliza resíduos agrícolas para o desenvolvimento de materiais, valoriza o conhecimento incorporado na experiência manual e propõe uma abordagem regenerativa ancorada em saberes situados.

Diante dos desafios ambientais que afetam as zonas costeiras, novas formas de projetar tornam-se necessárias. Em "Dunas Digitais: Parametrizando Bioscaffolds Costeiros através da Lógica de Crescimento do Jundu", o design paramétrico é articulado a processos naturais para imaginar dunas artificiais capazes de favorecer a regeneração ecológica e a recuperação da paisagem.

Os próximos artigos utilizam recursos visuais para comunicar informações científicas, representar relações socioambientais e evidenciar redes de práticas sociais.

Entre ciência, educação e sensibilização ambiental, a imagem pode atuar como poderosa ferramenta de mediação. Essa é a premissa de "Ilustração científica botânica como mediação entre design, ciência e sociedade", que demonstra como ilustrações produzidas por estudantes de design ampliam a circulação do conhecimento e fortalecem iniciativas de ciência cidadã e educação ambiental.

Tornar visíveis as conexões entre fenômenos ambientais e sociais é um dos desafios das mudanças climáticas. Em "Visualização de mudanças climáticas: projeto de um website e ferramenta interativa para o mapeamento de mudanças ambientais e epidemiológicas na Amazônia Legal brasileira", uma plataforma digital é desenvolvida para apoiar a compreensão das relações entre desmatamento, uso da terra, queimadas e indicadores de saúde na Amazônia.

Transformações sociais dependem da capacidade de cultivar e disseminar iniciativas inovadoras. A partir dessa perspectiva, "Processos de *seeding* da inovação social: insumos para o design a partir da análise do ecossistema de alimentação sustentável de Porto Alegre" investiga como práticas relacionadas à alimentação sustentável se articulam e se expandem. Para tal, apresenta entrevistas, levantamento de iniciativas-semente, e um diagrama das trajetórias de sua disseminação para questionar como o design pode operar para contribuir para seu desenvolvimento.

Por fim, no último artigo dessa edição, "Para além da nostalgia: William Morris, romantismo e ecocrítica anticapitalista" pensamento de William Morris é revisitado como fonte de reflexão crítica sobre as relações entre natureza, trabalho e capitalismo contemporâneo.

O conjunto dos artigos aponta para um movimento consistente, que se consolida com coragem epistemológica e compromisso ético. Há, entre eles, uma convergência clara: a compreensão de que o design pode — e talvez deva — operar em diálogo estreito com plantas, territórios e ecossistemas, reconhecendo a interdependência entre formas de vida e a necessidade urgente de regenerar não apenas ambientes, mas também relações humanas, práticas produtivas e modos de habitar o mundo.

Diante desse cenário, propomos aqui uma nomenclatura que possa contribuir para o autorreconhecimento desse campo emergente: Fitodesign. Uma denominação simples, mas conceitualmente precisa, que articula a dimensão vegetal (do grego *phytón*) à prática projetual.

Fitodesign designa uma abordagem que integra princípios da agroecologia, da regeneração socioambiental e das práticas multiespécie, tomando as plantas como coautoras, mediadoras e infraestruturas vivas nos processos de design. Essa perspectiva reconhece que as plantas estruturam territórios, modos de vida e relações, operando simultaneamente nos planos ecológico, material, cultural e afetivo.

Fundamentado na lógica agroecológica — que articula biodiversidade, manejo sustentável, justiça social e ambiental e saberes tradicionais — o Fitodesign desvenda sistemas, artefatos e práticas que regenerem ecossistemas, fortaleçam vínculos comunitários e promovam saúde física, mental e social. A regeneração, aqui, é compreendida de forma ampliada: envolve a restauração de solos e ciclos naturais, mas também a recomposição das relações humanas, o cuidado com o cotidiano, a redução de estresses ambientais e sociais e a criação de ambientes que favoreçam bem-estar, autonomia e convivência.

Como prática situada, o Fitodesign opera na interface entre território, cultura e vida vegetal, valorizando processos lentos, interdependências e a



coevolução entre espécies. Ele propõe que o design não apenas represente ou utilize plantas, mas projete com elas, reconhecendo sua agência e sua capacidade de transformar ambientes, subjetividades e futuros.

Que este dossiê contribua para consolidar esse campo nascente, oferecendo caminhos referenciais que cruzam saberes ancestrais e modelagens tecnológicas, investigações sobre resíduos materiais e propostas de autonomia em territórios de resistência. Que os horizontes aqui traçados fortaleçam redes e convidem novas e novos pesquisadores a se juntarem a essa caminhada. Que possamos, juntos, continuar a semear futuros — com as mãos na massa, com as mãos na terra e com o firme compromisso de cultivar mundos mais justos, diversos, autônomos e profundamente vivos.